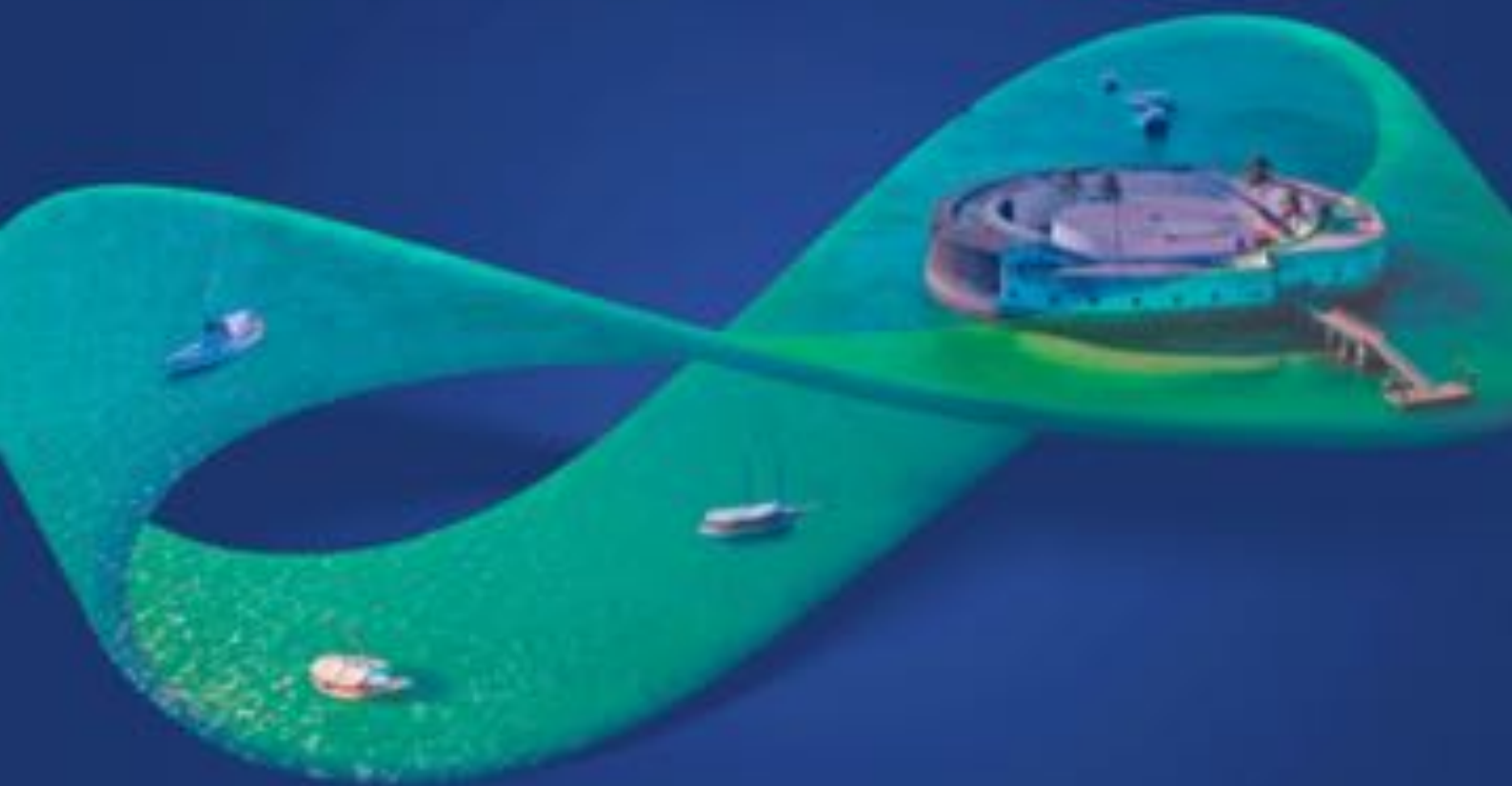


**XXI ENCONTRO NACIONAL  
DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS  
FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO  
EPFCL – BRASIL**



**O SINTOMA E O PSICANALISTA:  
TOPOLOGIA, CLÍNICA, POLÍTICA  
CONVIDADA INTERNACIONAL:  
COLETTE SOLER**

EVENTO  
VIRTUAL



**24 A 26 DE SETEMBRO DE 2021  
SALVADOR – BAHIA**



CONTATO:

[xxiencontronacionalsalvador@gmail.com](mailto:xxiencontronacionalsalvador@gmail.com)  
[www.campolacaniano.com.br](http://www.campolacaniano.com.br)

## APRESENTAÇÃO

*"A novidade, em si mesma, nada significa, se não houver nela uma relação com o que a precedeu"[1]*

(Fernando Pessoa)

Passados exatos 10 anos, a comunidade da EPFCL-Brasil volta a tomar "o sintoma" como tema de seu encontro anual. Para a psicanálise, o retorno é necessário. O que não quer dizer que seja ao mesmo que se retorne. É na segunda volta que o significante pode se sobrepor a si mesmo, fazendo com que opere o corte que extrai o Real como aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar. Isso nos leva a perguntar: ao voltar a esse tema, hoje, o que nos é possível extrair?

A novidade começa por articularmos agora "O Sintoma e o Psicanalista", talvez porque eles estejam numa relação que vai além de uma simples justaposição. Parodiando a fórmula lacaniana, podemos dizer que "o psicanalista é o sintoma": no plano político, por tomar a seu encargo um discurso que a civilização rejeita; no plano da clínica, pelo fato de o analista se instaurar para cada sujeito como "parceiro sintoma", aquele que encarna na relação transferencial o encontro com o impossível. De Marx a Freud, na política e na clínica, portanto, o sintoma representa aquilo que não anda e o psicanalista faz disso, ofício. Essas são as duas escansões que já estavam presentes no tema que estudamos em 2010.

No entanto, é com Lacan que vamos poder passar o sintoma ao estatuto de "solução possível". Ao fazer entrar o sintoma do início – aquele que é fonte dos padecimentos de um sujeito – no fio lógico da estrutura, torna-se possível amarrar política, clínica e ética assinalando que, lá onde o sujeito emperrava, está também o ponto que permite retirar, do próprio sintoma, uma satisfação de fim. É o *sinthome*, escrito em sua grafia arcaica, como um nó que vem enlaçar borromeamente Real, Simbólico e Imaginário. Eis nossa terceira escansão: "topologia" que, junto às outras duas faz a novidade de nosso tema em 2020: "O Sintoma e o Psicanalista: topologia, clínica, política".

# APRESENTAÇÃO

O mundo mudou bastante nessa última década. Assistimos ao avanço do discurso científico, com novos adventos do real e seus efeitos de segregação. Em "A Terceira" Lacan afirma que "o sentido do sintoma depende do futuro do Real"[2]. O que se pede à psicanálise é que ela nos livre, exatamente, do real e do sintoma. No entanto, acrescenta ele, se a psicanálise for bem-sucedida nessa tarefa, o que nos espera é a volta da verdadeira religião e o esquecimento da verdade. A vetorialização da psicanálise, portanto, não pode ser em direção ao êxito em atender o que lhe é pedido, mas ao ponto onde isso fracassa, sempre. Manejar esse fracasso, sem colmatá-lo, é a tarefa. Estarão os psicanalistas de nossa época à altura dela? "Psicanalistas não mortos, segue carta"[3] e o convite para estarem presentes no XXI Encontro da EPFCL-Brasil a fim de fazermos avançar essas questões.

Post-Scriptum: E eis que enquanto nos preparávamos para o encontro de 2020, mais uma vez "aquilo que não anda" se atravessou entre nós com toda a sua força. Impedidos de nos reunirmos presencialmente devido à pandemia de COVID-19, optamos por esperar, esperando um 2021 melhor. Não foi assim até agora e não temos motivos para crer que será. É por isso que a esperança não é a melhor disposição para fazer frente ao Real, pois não há garantias de um "amanhã que canta"[4]. Passado o tempo de nos situarmos em relação ao que estamos atravessando, decidimos continuar, da maneira que é possível e com os recursos de que dispomos. Não porque precisamos seguir a qualquer custo, mas porque talvez possamos fazer desse momento um "encontro" em toda a polissemia que a palavra permite: afirmação dos nossos laços de trabalho e do desejo que sustenta a vida.

Por Lia Silveira – Coordenadora da Comissão Científica.

2 - LACAN, J. *A Terceira* [1974]. Texto inédito. Disponível em <http://lacanempdf.blogspot.com/2019/04/a-terceira-jacques-lacan-1974.html>

3 - *Id., ibid*

4 - *Id., ibid*

# PROGRAMAÇÃO

## 24 DE SETEMBRO – SEXTA-FEIRA

19:20 – Auditório Milton Santos | Abertura da sala

Orquestra Sinfônica da Bahia – OSBA: OsBATALÁ[5]

19:30 – Auditório Milton Santos | Mesa de Abertura

Ida Freitas – Coordenadora Local

Robson Mello – Diretor da EPFCL-Brasil e Coordenador Nacional

Lia Silveira – Coordenadora da Comissão Científica

20:00 – Auditório Milton Santos | Atividade cultural

Espectáculo Voz – O ultimo dia de Gregório na Bahia, com Carlos Betão. Texto: Aninha Franco. Direção: Rita Assemany[6]

20:30 – Auditório Milton Santos | Plenária 1: O bem do mar, é o mar, que carrega com a gente pra gente pescar | Coordenação: Ana Laura Prates

"O inconsciente é a política": considerações sobre a formação do analista – Andréa Fernandes

O espaço psíquico e o nó da civilização – Antonio Quinet

O sentido do sintoma – Dominique Fingermann

## 25 DE SETEMBRO – SÁBADO

8:50 – Auditório Milton Santos | Abertura da sala

Orquestra Sinfônica da Bahia – OSBA: Solário – uma viagem poético musical [7]

9:00 – A Clínica dos Reais – Colette Soler

Conferência 1 – O Real do Sentido

Coordenação: Andréa Fernandes

Debatedora: Sonia Alberti

Auditório Milton Santos

10:30 – Intervalo

# PROGRAMAÇÃO

## 25 DE SETEMBRO – SÁBADO

11:00 – Mesas Simultâneas

Auditório Milton Santos | Mesa 1 – É tão difícil olhar o mundo e ver o que ainda existe |  
Coordenação: Isabella Macedo

O Sentimento de culpa e sua função no contexto pandêmico – Carolina Escobar e  
Ivan Ramos

Os fracassados pelo êxito: a importância do pai e a *versagung* do sintoma –  
Felipe Grillo

No início era o fracasso: e depois? Uma aposta no sintoma – Roberto Medeiros

Sala Neusa Santos Souza | Mesa 2 – Minha vida, era um palco iluminado, eu vivia vestido  
de dourado | Coordenação: Vera Kemper

Do sintoma ao *sinthoma*: um novo enodamento? – Vera Pollo

A política do sintoma na clínica psicanalítica – Zilda Machado

Da estrutura às (di)versões do pai – Daniela Chatelard

Sala Jorge Portugal | Mesa 3 – ... E vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo |  
Coordenação: Tatiana Assadi

Sintoma, fenômeno psicossomático e a pandemia da covid-19: a direção de  
tratamento diante de respostas ao mal-estar na contemporaneidade – Ingrid  
Figueiredo

O mais além de uma pandemia: vivências de corpo – Marcela Laboissière

Dismorfia corporal – um caso de homossexualidade masculina – Silvana Pessoa

Sala Maria Felipa | Mesa 4 – Drão, os meninos são todos sãos | Coordenação: Vera  
Edington

A escola furada – Engrid Vasquez

Escola e pandemia: o lugar da criança e do adolescente nos laços sociais –  
Rosane Melo

A criança como sintoma da crise do Discurso Universitário? – Ana Laura Prates

12:30 – Almoço

# PROGRAMAÇÃO

## 25 DE SETEMBRO – SÁBADO

13:50 – Auditório Milton Santos | Abertura da sala

Letieres Leite & Orkestra Rumpilezz com Márcia Short e Lazzo Matumbi[8]

14:00 – Auditório Milton Santos | Lançamento Coletivo de Livros

14:10 – Auditório Milton Santos | Atividade cultural

Fotografando o silêncio: cenas de uma quarentena[9]

Elvina Lessa – Psicanalista, fotógrafa e membro do FCL-RJ/EPFCL-Br

14:20 – Auditório Milton Santos | Plenária 2: Onde queres descanso, sou desejo |  
Coordenação: Elisabeth da Rocha Miranda

Do desejo ao desejo do psicanalista – Francisco Paiva

Função e campo da epidêixis topológica em psicanálise – Leonardo Pimentel

A escrita literária: ecos do sint(h)oma – Isloany Machado

15:45 – Intervalo

16:00 – Mesas simultâneas

Auditório Milton Santos | Mesa 5 – Boneca de pano é gente, sabugo de milho é gente |  
Coordenação: Maria Claudia Formigoni

Agora era fatal: considerações sobre o fim na análise de crianças – Thalita Fontenele

Quantas meninas cabem em uma sereia? – Maria Laura Silvestre

O par familiar e a criança na partilha entre os sexos e as leis jurídicas; a subversão psicanalítica do conceito de alienação parental – Eduardo Ponte Brandão

Sala Neusa Santos Souza | Mesa 6 – Augusta, entre você e a Angélica encontrei a  
Consolação | Coordenação: Claudia Leone

O papel da mulher na psicologia das massas e para além dessa – Bárbara Guatimosim

A busca da histeria por um saber sobre seu ser – Letícia Zampier

O psicanalista, o sintoma e a supervisão – Glória Sadala

# PROGRAMAÇÃO

## 25 DE SETEMBRO – SÁBADO

Sala Jorge Portugal | Mesa 7 – Terra para o pé, firmeza, terra para mão, carícia |  
Coordenação: Clarissa Metzger

Encontro com os sonhos e alucinações em Auschwitz - breve compartilhar de uma  
travessia percorrida – Samantha Abuleac

A psicanálise na universidade: ética e política do professor – Kátia Botelho

O mal-estar dos professores em tempos de pandemia – Joseana Deckmann Lima

Sala Maria Felipa | Mesa 8 – Quem desce do morro não morre no asfalto | Coordenação:  
Rodrigo Pacheco

Pandemia e política no século XXI: o Um das massas no discurso do mestre –  
Maria Helena Martinho

Mascaramento da estrutura real do inconsciente, anaclitismo e discurso  
capitalista: intersecção entre estrutura e história no profascismo do século XXI  
– Raul Pacheco

Pare de tomar a pilula! A ironia do brega em “Uma vida só” – Luis Achilles Furtado

## 26 DE SETEMBRO – DOMINGO

8:50 – Auditório Milton Santos | Abertura da sala

NEOJIBA – Orquestra Juvenil da Bahia – Tico Tico no Fubá[10]

9:00 – A Clínica dos Reais – Colette Soler

Conferência 2 – O Real do sintoma fundamental

Coordenação: Lia Silveira

Debatedora: Glaucia Nagem

Auditório Milton Santos

10:30 – Intervalo

11:00 – Mesas Simultâneas

Sala Neusa Santos Souza | Mesa 9 – Eu sou o cheiro dos livros desesperados, sou Gitá  
Gogoya | Coordenação: Fernanda Zacharewicz

O psicanalista e o amor nos tempos do cólera – Maria Luisa Rodriguez

Book of himself, o corpo de Joyce – Sonia Borges

# PROGRAMAÇÃO

## 26 DE SETEMBRO – DOMINGO

Sala Jorge Portugal | Mesa 10 – Com quantos gigabytes se faz uma jangada e um barco que veleje | Coordenação: Marisa Costa

O corpo do analista como semblante nos atendimentos *on-line* – Célia Fiamenghi  
Algumas versões da perda da realidade: Freud, o neorealismo italiano e o esquema R – Beatriz Chnaiderman  
Atendimento *on-line* e o real da pandemia – Brendali Dias

Sala Maria Felipa | Mesa 11 – O samba da minha terra deixa a gente mole, quando se canta todo mundo bole | Coordenação: Beatriz Oliveira

Torções e distorções: topologia e política do analista – Eudes Duarte  
Homologia entre a topologia lacaniana e a direção do tratamento – Sheila Finger  
Lacan nunca foi linguista – a linguisteria estava desde o começo – Glaucia Nagem

12:30 – Almoço

13:50 – Abertura das salas simultâneas

NEOJIBA – Orquestra Juvenil da Bahia – Aquarela do Brasil[11]

14:00 – Mesas Simultâneas

Sala Neusa Santos Souza | Mesa 12 – Por seres tão inventivo e pareceres contínuo | Coordenação: Ercília Souza

O lugar da depressão na clínica psicanalítica – Heloísa Ramirez  
Do céu da irmandade ao inferno da cópula significativa – Elynes Barros  
Um corpo imaginário-real: sobre a continuidade dos registros na topologia borromeana – Joseane Garcia

Sala Jorge Portugal | Mesa 13 – Margem da palavra, entre as escuras duas margens da palavra | Coordenação: Robson Mello

O futuro do real depende do sujeito – Sonia Alberti  
Estórias de analista e outras – Gonçalo Galvão  
A po(her)esia da psicanálise – Claudia Saldanha



# PROGRAMAÇÃO

## 26 DE SETEMBRO – DOMINGO

Sala Maria Felipa | Mesa 14 – Entra pelos sete buracos da minha cabeça, a tua presença |  
Coordenação: Raissa Dantas

O sopro para ir-com-instante: considerações acerca da relação entre gozo e respiração – André Guedes

Da voz à invocação: sobre a fantasia e sintoma – Catarina Gomes

Me proteger do outro? Angústia em tempos de pandemia – Beatriz Almeida

15:45 – Intervalo

16:00 – Auditório Milton Santos | Plenária 3: Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento | Coordenação: Andréa Milagres

O tempo do final – Sandra Berta

A pulsão, em fim – Lia Silveira

Da impotência ao impossível de dizer – Ida Freitas

17:30 – Auditório Milton Santos | Mesa de Encerramento

Ida Freitas – Coordenadora Local

Robson Mello – Diretor da EPFCL-Brasil e Coordenador Nacional

Coordenação Local do próximo Encontro Nacional

18:00 – Auditório Milton Santos | Atividade cultural: ManiFesta

Abertura: show Mansa Fúria – voz e violão – com Josyara.

Após o show seguiremos com nossa ManiFesta

# HOMENAGENS

Algumas palavras sobre nomes das salas e auditório em nosso Encontro. Uma mostra singela de nossa admiração e respeito a ess@s baian@s que, em seu tempo e a seu modo, atreveram-se a saber e a transformar nosso mundo.

## **Milton Santos**

Nasceu Milton Almeida dos Santos, em Brotas de Macaúbas, na Bahia em 1926. Geógrafo de importância intelectual ímpar, professor e pesquisador em diversas universidades no mundo, publicou inúmeros livros inovadores. No Brasil, seus trabalhos continuam a influenciar diversas gerações, com abordagens teóricas e metodológicas sobre espaços e desigualdades que hoje são consideradas clássicas. Em 2004, foi declarado Patrono da Geografia Nacional (Lei 10.894-2004)[12].

## **Neusa Santos Souza**

Nascida em Salvador, em 1948, radicou-se no Rio de Janeiro, onde se formou em medicina. Sua dissertação de mestrado, publicada em 1983 – Tornar-se negro: As vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social – seria considerado um estudo pioneiro por conectar a temática do racismo com psicanálise, capitalismo e identidade. O posfácio desta obra traz uma definição cabal de Neusa: “É negra, mulher, militante e trabalhadora da saúde mental. Vive, luta, investiga, se forma e se transforma”[13].

## **Jorge Portugal**

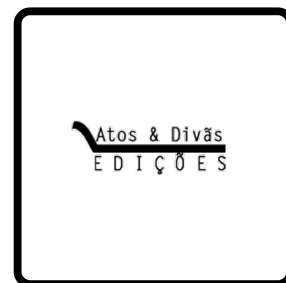
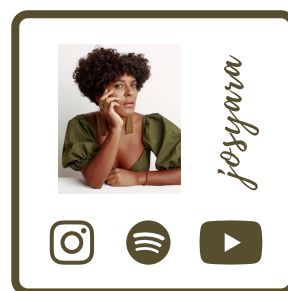
Antonio Jorge Portugal, mais conhecido como Jorge Portugal, nasceu em 1956, em Santo Amaro da Purificação – Recôncavo baiano, tendo nos deixado em maio de 2020. Poeta, letrista, compositor, professor de língua portuguesa, apresentador de televisão e, também Secretário de Cultura da Bahia entre 2015 e 2017, Jorge alcançou projeção nacional em 1980 quando, compôs, com seu parceiro Raimundo Sodré, “A massa”, que chegou ao terceiro lugar do Festival MPB Shell. Com um de seus principais parceiros, o cantor e compositor Lazzo Matumbi, compôs as preciosas “Alegria da cidade” e “14 de maio”[14].

## **Maria Felipa**

Nascida na Ilha de Itaparica (BA) no começo do século XIX, descendente de sudaneses, foi marisqueira, trabalhadora braçal e impulsionou um levante entre mulheres negras e homens negros, povos indígenas Tupinambás e Tapuias para alcançar a Independência da Bahia e do Brasil. Por todo o seu legado e reivindicação do movimento negro, Maria Felipa foi declarada heroína, no livro de Heróis e Heroínas da Pátria (Lei 13.697/2018) ao lado de Joana Angélica e Maria Quitéria [15].

# AGRADECIMENTOS

As comissões local e nacional de organização agradecem a tod@s que tornaram viável a execução do XXI Encontro Nacional, primeiro na modalidade online da nossa Escola. Às comissões de trabalho e a cada colega que colaborou com essa reinvenção, pelo empenho e disposição ao longo desses meses. A Colette Soler por gentilmente aceitar o convite para estar conosco. A tradutora Clary Khalifeh e às secretárias Carina Marques e Tuanny Duarte pelo trabalho cuidadoso. Às editoras Aller, Ágalma, Atos e Divãs, Blucher, Caramurê e Larvatus Prodeo pelo apoio. Aos artistas Josyara, Carlos Betão, Aninha Franco, Rita Assemany e a República, OSBA, Orquestra Neojibá e Instituto Rumpilezz pela "semente de real". A tod@s @s inscrit@s pela aposta fundamental para que esse evento acontecesse.



Clique nos ícones e viaje no infomar do XXI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil.

# COMISSÕES DE TRABALHO

## **Coordenação Nacional**

Comissão de Gestão EPFCL – Brasil  
Robson Mello – diretor (coordenação)  
Julie Travassos – secretária  
Juliana Costa – tesoureira

## **Coordenação Local**

Andréa Fernandes  
Francisco Dias  
Ida Freitas (coordenação)  
Pollyana Almeida  
Vera Edington

## **Comissão Científica**

Alba Abreu  
Andrea Brunetto  
Andréa Fernandes  
Claudia Leone  
Danielle Baggio  
Elynes Lima  
Glaucia Nagem  
Leonardo Pimentel  
Lia Silveira (coordenação)  
Rainer Melo  
Zilda Machado

## **Equipe de Prelúdios**

Marcella Laboissière  
Robson Mello

## **Comissão de Divulgação**

Alessandra Borges  
Claudia Saldanha  
Célia Fiamenghi (coordenação)  
Danieli Lameira  
Daniele Salfatis  
Elvina Maciel Lessa  
Flávia da Silva Tereza  
Graciele Freitas  
Marília Albuquerque  
Marisa Costa  
Raquel Romano  
Rita de Cássia Ribeiro  
Rosana Baccarini  
Rosane Grippi  
Samila Dutra Rocha

## **Secretárias**

Carina Marques  
Tuanny Costa Duarte

## **Capa e arte gráfica**

Yan Jambeiro

## **Diagramação**

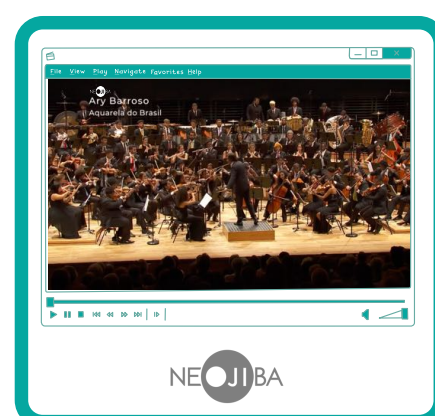
Francisco Dias

## **Assessoria de Eventos**

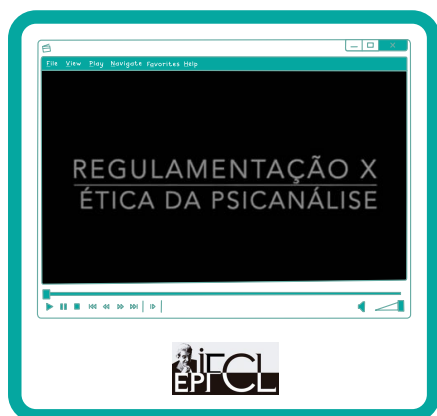
Makadu

# VÍDEOS

Reveja os espetáculos na íntegra clicando nos vídeos.



Participação da EPFCL-Brasil no Movimento da Articulação das entidades psicanalíticas brasileiras.



# NOTAS

- 1 – PESSOA, F. *Páginas Íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Ática, 1996.
- 2 – LACAN, J. *A Terceira* [1974]. Texto inédito. Disponível em <http://lacanempdf.blogspot.com/2019/04/a-terceira-jacques-lacan-1974.html>
- 3 – *Id., ibid*
- 4 – *Id., ibid*
- 5 – *A Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA)*, criada em 30 de setembro de 1982, é uma companhia estadual que integra os corpos artísticos do Teatro Castro Alves e que teve seu processo de publicização consolidado em abril de 2017. Desde então, a Associação Amigos do Teatro Castro Alves (ATCA) – entidade sem fins lucrativos qualificada como Organização Social (OS) – assumiu a gestão da OSBA que permanece como corpo artístico público, sendo ainda mantida com recursos diretos do Governo do Estado da Bahia, através da sua Secretaria de Cultura (Secult-BA). A OSBA acumula em sua trajetória concertos acompanhados por grandes nomes da música clássica e da música popular brasileira. Sob direção do maestro Carlos Prazeres, a OSBA conseguiu redefinir seu papel na sociedade, fortalecendo sua identidade com a Bahia e consolidando uma nova relação com o seu público. **OsBATALÁ**: Buscando constantemente formas de se conectar ao tempo e a sociedade em que está inserida, a Orquestra Sinfônica da Bahia reflete sobre as raízes culturais africanas no Brasil ao dar destaque à música do candomblé no concerto em vídeo “OsBATALÁ”, que convida o grupo percussivo Rum Alagbê, um projeto social do Terreiro Mãe Menininha do Gantois e com participações especiais dos cantores Márcia Short e Lazzo Matumbi. Neste projeto, sob a regência de Carlos Prazeres, são interpretados os orikis (cantos em iorubá) “O Fururu Looere”, “Ajaguna Gbawa”, além de “Carmen”, música em homenagem a atual ialorixá do Terreiro Mãe Menininha. **Músicos**: Violinos I: Priscila Plata, Ivan Quintana, Lirida Lima, André Silva. Violinos II: Francisco Roa, Mário Gonçalves, Rogério Laborda, Arthur Lauton. Violas: Laercio Souza dos Santos, Paco Garcés, Marcos Maciel. Violoncelos: Ítalo Nogueira, Maurício Kowalski. Contrabaixo: Luiz Almiro. Flauta: Lucas Robatto. Clarinete: Pedro Robatto. Trompete: Heinz Schwebel. Trombone: Hélio Góes. Percussão: Paulo Zorzetto. Captação, mixagem e masterização de áudio: Tupynambá. Técnicos: Vavá Furquim e Beto Santana. Captação e edição de vídeo: Usina Films.

6 – “A ti tocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado,  
Tanto negócio e tanto negociante.  
[...]  
Triste Bahia! ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!”  
(*Gregório de Matos*)

*A Voz é de Gregório*, o festejado e satírico “Boca do Inferno”, em seu último dia na Bahia, antes de ser degredado para Angola. É em uma taberna que um dos maiores poetas barrocos do Brasil e Portugal oferece uma ode à Vida, ao Amor, e à terra onde nasceu, vociferando com coragem e na companhia dos poucos amigos que lhe restam, seus sentimentos de denúncia contra a falsa nobreza desta terra, a corrupção, os podres poderes, os dogmas da Igreja e os tabus do Reino, da burguesia e dos arrivistas improvisados e inautênticos da Cidade do São Salvador do século XVII. É a Voz de Gregório de Matos, que ainda ecoa suas paixões: pelas Clarissas do Convento do Desterro, pelos Vermelhos e Pretos que povoam a metrópole, pela Festa, pela Anarquia, pela Liberdade. De um tempo onde tudo era proibição, medo e castigo, e ainda cá, hoje, de denúncia em denúncia historicamente enumeradas, ele nos lembra que, se com dois F – furtar e foder – escrevia-se a Bahia do século XVII, ainda agora se escreve a do século XXI. **Ator**: Carlos Betão. Texto: Aninha Franco. Direção: Rita Assemany. Produção: Levina Ferraz. Foto: Sora Maia.

7 – *O documentário musical “Solário”*, que com direção artística de Gil Vicente Tavares e direção musical e regência de Carlos Prazeres traz formações variadas da orquestra interpretando um repertório sinfônico que inclui obras de Bach, Handel e Beethoven gravadas no Teatro Castro Alves e no Museu da Misericórdia. O filme poético-musical, que tem a participação do cantor baiano Xangai, solos de Priscila Rato (violino) e Thomaz Rodrigues (violoncelo), traz ainda inserções de poesias de escritores baianos como Gregório de Mattos, Myriam Fraga e Ildásio Tavares recitadas pelos atores Denise Correia e Marcelo Prado. **Repertório**: D. B. DE ARAÚJO – Abertura nº 6; G. F. HANDEL – “Sinfonia” do 3º Ato da Ópera Hércules; J. S. BACH – “Qui Tollis” da Missa em Lá maior, BWV 234; J. S. BACH – “Allemande” da Partita para Violino nº 2 em Ré menor, BWV 1004. Solista: Priscila Rato (violino); J. S. BACH – “Sarabanda” da Suíte para violoncelo nº 1 em Sol maior, BWV 1007. Solista: Thomaz Rodrigues (violoncelo); J. M. WISNIK/G. DE MATTOS – Mortal Loucura (arr: Marcelo Caldi) com Xangai; L. V. BEETHOVEN – Transição de “Sanctus/Benedictus” da Missa Solemnis em Ré maior, Op.123. Poesia soneto – Gregório de Matos. Diálogo na sombra – Jacinta Passos. Cantiga de amigo – Livia Natália. Restos – Ildásio Tavares. Solário – Myriam Fraga. **Músicos**: Violinos I: Priscila Rato, Jonas de Souza, André Silva, Arthur Lauton, Eduardo Salazar, Filipe Vital, Rogério Laborda, Mariana Krewer. Violinos II: Francisco Roa, José Fernandes, Ivan Quintana, João Campos, Mário Gonçalves, Lucas Ávila. Violas: Laura Jordão, Thiago Neres, Ícaro Smetak, Marcos Maciel, Paco Garcés. Violoncelos: Thomaz Rodrigues, Luiz Daniel Sales, Ygor Ghensev, Maurício Kowalski. Contrabaixos: Gabriel Couto, Jéssica Albuquerque, Orley de Souza. Flautas: Lucas Robatto, André Becker. Clarinetes: Pedro Robatto, Patricia Mora. Fagotes: Jean Marques, Ilza Santana. Trompas: Davi Brito, Adelson Lemos. Trompetes: Heinz Schwebel, Joatan Nascimento. Percussão: Paulo Zorzetto, Paulo Carneiro. Captação, mixagem e masterização de áudio: Tupynambá. Técnicos: Vavá Furquim e Beto Santana. Vídeo: Usina Films. Direção de Fotografia: Iury Taillan. Produção: Thainá Macedo. Assistentes de Câmera: Daniel Cavalcante, Maria Mango, Gabriel Andrade. Cinegrafistas: Inagê Kaluanã, Adrian Reimão, Rick Caldas, Gabriel Teixeira, Rana Tosto, Wesley Brito, João Tatu. Assistente de maquinaria: Tony Bonfim. Motion Designer: Gabriel Andrade. Edição e Finalização: Rafael Souza.

# NOTAS

8 – **A Orkestra Rumpilezz** é um orquestra de percussão e sopros criada em 2006 pelo maestro, compositor e arranjador Letieres Leite. O nome da orquestra resulta da aglutinação dos nomes de três atabaques usados no candomblé (rum, rumpi e lê), com as últimas letras da palavra jazz. Dos cinco percussionistas da orquestra, três pelo menos são fortemente ligados ao candomblé. São eles que tocam os instrumentos. O rum, o mais sacro, só uma pessoa entre os percussionistas toca. Trata-se de uma orquestra de música popular instrumental que acrescenta à música ancestral baiana uma roupagem harmônica moderna, com percussão de matriz africana e sob influência do jazz moderno. Tanto as composições como os arranjos de autoria de Letieres Leite são concebidos a partir das claves e desenhos rítmicos do universo percussivo da Bahia – com inspiração em grandes agremiações percussivas de Salvador como o Ilê Aiyê e Olodum –, no samba de roda do Recôncavo e no candomblé. **Ficha Técnica:** Direção Artística e Regência: Letieres Leite. Trombone Baixo: Adailson Rodrigues. Sax Barítono: Vinicius Freitas. Tuba: Fernando Rocha. Trombones: Gilmar Chaves, Juracy Júnior e Matias Traut. Trompetes: Rudney Machado, Guiga Scott, João Teoria e Danilo Brito. Sax e Flauta: André Becker, Paulinho Andrade, Rowney Scott e Léo Rocha. Percussão: Gabi Guedes, Tiago Nunes, Emerson Taquari e Jorge Wallace. Atabacaria: Kaina do Jeje. A LETIERES LEITE & ORKESTRA RUMPILEZZ são artistas da gravadora ROCINANTE. Todas as gravações deste especial foram realizadas pelos próprios músicos em suas respectivas casas. Produção audiovisual: Direção e Roteiro: Letieres Leite. Pós-produção: Massato Filmes. Montagem: Bruno Massato. Assistente de Montagem: Vanessa Massato. Colorista: Bruno Massato. Edição, Mixagem e Masterização de Áudio: Bráulio Passos. Produção Executiva: Annibal Porto. Direção Técnica: Humberto Curujito. Produção de Banda: Edmilia Barros. Mixagem e Masterização de Áudio: Estúdio Rocinante. Gravação de Vozes: Estúdio Casa das Máquinas. Imagens Estúdio: Camilo Lobo. Técnico de Gravação: Tadeu Mascarenhas. Gravações Adicionais: Robério Cardoso Roadies: Washington Santana e Saulo Maia. Artistas Convidados: Márcia Short e Lazzo Matumbi. Festival Rumpilezz - Música e pensamento é uma realização do Instituto Rumpilezz, com patrocínio da Petrobras, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura - Ministério do Turismo, Governo Federal.

9 – **Fotografia do silêncio: cenas de uma quarentena.** Um filme de **Elvina Maciel**. Direção, fotos, voz e seleção de poemas de Elvina Maciel. Trilha sonora: Adagio Albinoni. Pianista Harry Volker. Edição: Livia Cabral. Poemas: Wislawa Szymborska; Gente na ponte; Possibilidades; Filhos da época; Ocaso do século; Fim e começo; Repenso o mundo; Impressões do Teatro; A vida na hora. Matilde Campilho: Fevereiro. Manoel de Barros: Difícil fotografar o silêncio. Lacan, J. O artudito, In: *Outros escritos*. Elvina Maciel é psicanalista e fotógrafa. Psicóloga pela UFMG, Mestre e doutora pela UFRJ, membro do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro e da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, <elvina@uol.com.br>. O filme contém fotos e vídeos que fiz na pandemia, com imagens, reflexos, luzes e sombras que surgiam na minha sala, criando cenários fantásticos, surrealistas, que só percebi na quarentena, provocada pela Covid-19, iniciada em 17 de março de 2021, que obrigou-me a ficar em casa durante meses e dirigir análises *on-line*. Dedico as pessoas que sofrem, que perderam a pais, mães, filhos, amigos e os mortos que se foram devido a COVID-19. Dedico a poeta Wislawa Szymborska, que viveu entre guerras, foi premiada com o prêmio Nobel de literatura e Goethe. Dedico a psicanalista Maria Anita Carneiro Ribeiro.

10 e 11 – **O programa NEOJIBA** é uma política pública prioritária do Governo do Estado da Bahia, executada pela Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, através de contrato de gestão com a organização social IDSM - Instituto de Desenvolvimentos Social pela Música. Sobre as músicas escolhidas: A Orquestra Juvenil da Bahia (atual Orquestra 2 de Julho) é a principal formação do Programa NEOJIBA. Na turnê de 2018, percorreu oito cidades em três países (Suíça, Itália e França), tendo uma das melhores pianistas do mundo, a argentina Martha Argerich, como solista. No concerto de encerramento da Turnê Europa 2018, na Philharmonie de Paris, uma das maiores salas de concerto da Europa, em 17/09/2018, a Orquestra apresentou, entre outras obras, **Aquarela do Brasil**, de Ary Barroso, com arranjo de Jamberê, coordenador de tubas do NEOJIBA. E também, apresentou a música **Tico no Fubá**, de Zequinha de Abreu, também com arranjo de Jambere. Esse vídeo, postado em agosto do ano passado, em apenas 1 semana, o vídeo alcançou, no Facebook, 4,5 milhões de pessoas e foi visualizado de forma orgânica, ou seja, sem impulsionamento, por mais de 2 milhões de espectadores, sendo compartilhado quase cem mil vezes despertando mais de 200 mil reações. Metade dos acessos vieram do Brasil e a outra de países como França, Portugal, Estados Unidos, Itália, Espanha e Canadá.

12 e 13 – **Enciclopédia negra.** GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2021

14 – Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge\\_Portugal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Portugal)

15 – Disponível em: Instagram/@escolinhamariafelipa

# PRÓXIMOS EVENTOS

Para mais informações clique nos cartazes.



29 junho a 3 julho de 2022  
Assembleia 03 de julho 2022